

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Fevereiro de 2022

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	5
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	8
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	12
METODOLOGIA.....	14

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) mantém movimento de recuperação ao avançar 1,6% diante do mês anterior, terceira alta consecutiva. No comparativo anual, a alta foi de 6,2%, reforçando a tendência de crescimento e do cenário epidemiológico mais positivo. Embora o desempenho seja favorável, a insatisfação das famílias segue em níveis extremamente baixos (53,9 pontos)- vigésimo segundo mês sucessivo nesse patamar.

O resultado positivo do mês alcançou a maioria dos componentes do ICF, com destaque para a elevação do Acesso ao Crédito (7,65%) e Renda Atual (4,63%). O mercado de trabalho formal aquecido eleva a renda das famílias catarinenses, entretanto, o recurso está sendo corroído pela aceleração dos preços, que atingiu em fevereiro de 2022 alta em 74,8% dos produtos da cesta do IPCA. Por isso, o indicador Nível de Consumo atual teve forte desaceleração (20,72%) na passagem do mês e atingiu o menor patamar da série histórica, em 5,9 pontos.

Do lado das perspectivas de médio prazo, o mês encerra movimento de queda nas expectativas do consumo, com alta de 0,5%. Na maior parte dos meses do ano passado, o movimento positivo das perspectivas futuras amenizaram os impactos sobre o ICF, em razão disso, a reversão desse cenário negativo pode ser um estímulo para a permanência da retomada da confiança das famílias.

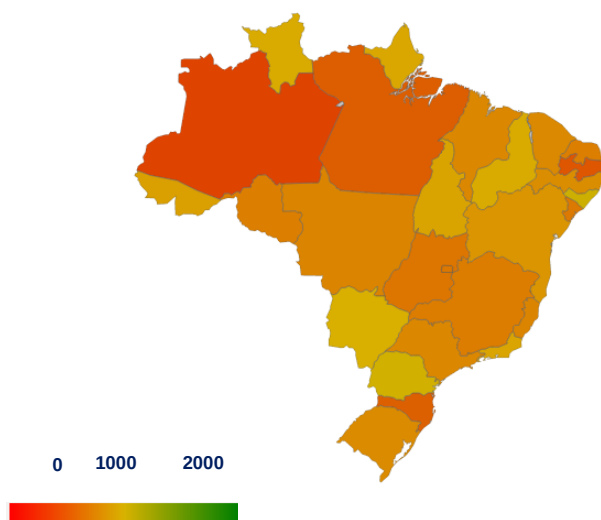
O movimento de recuperação econômica e o avanço da imunização não foram suficientes para retomar os níveis de satisfação dos consumidores pré-crise, assim, todos os componentes do ICF seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020, inclusive, estão em patamar pessimista. A maior perda segue sendo o nível de consumo atual das famílias, com queda de 93,6%.

Intenção de Consumo das famílias mantém tendência de recuperação em fevereiro

O indicador ficou em 53,9 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	fev/21	jan/22	fev/22	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	62,0	58,5	60,6	3,69%	-2,23%	-50,9%
Perspectiva Profissional	143,2	75,0	85,3	85,4	0,14%	13,90%	-40,3%
Renda Atual	121,3	60,3	72,1	75,5	4,63%	25,06%	-37,8%
Acesso ao Crédito	110,0	53,3	53,9	58,0	7,65%	8,84%	-47,3%
Nível de Consumo Atual	92,2	26,4	7,5	5,9	-20,72%	-77,62%	-93,6%
Perspectiva de consumo	111,1	44,1	51,6	51,9	0,54%	17,79%	-53,3%
Momento para duráveis	83,2	33,7	42,1	39,6	-5,90%	17,58%	-52,4%
ICF	112,1	50,7	53,0	53,9	1,61%	6,24%	-52,0%

Índice do ICF por Estado – Fev. 2022



A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) mantém trajetória de recuperação ao avançar 1,6% na passagem do mês, terceira alta consecutiva. Esse ciclo positivo é o mais intenso desde o início da crise, com média de crescimento mensal de 2,9%- somente entre abril e julho de 2021 o índice apresentou movimento de alta, mas a média naquele momento foi de 1,4%. Apesar do resultado positivo, a deterioração do consumo durante a crise foi muito elevada, assim, a intenção segue 52,0% abaixo do período pré-crise e em patamar pessimista ao situar-se em 53,9 pontos.

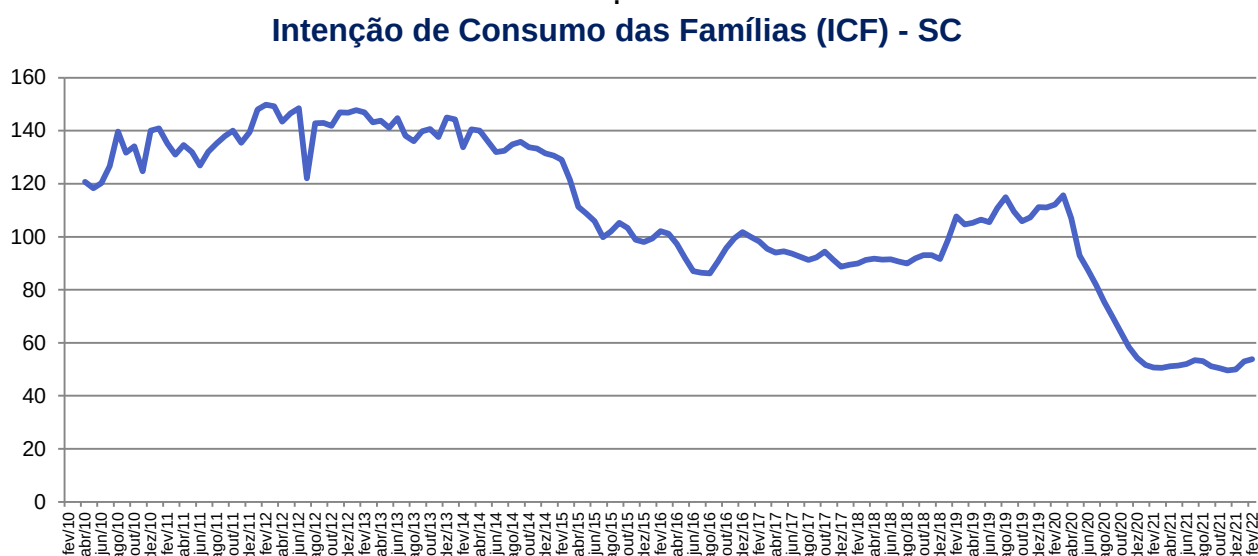
O índice segue em intervalo de mínimas históricas e está no segundo maior ciclo negativo desde o início da série histórica. Entre fevereiro de 2017 até janeiro de 2019, ou seja, por vinte e quatro meses consecutivos, a intenção de consumo das famílias permaneceu de forma consecutiva em níveis negativos. Até o presente momento, são 22 meses em patamar negativo, mas o que difere do período anterior é o tamanho das perdas, naquele momento o índice mínimo foi de 88,7 pontos, já no ciclo atual, o índice atingiu 49,5 pontos.

Nota-se que o cenário dos demais estados é similar a Santa Catarina em fevereiro, já que somente dois estados (Paraná e Alagoas) estão acima dos 100 pontos, ou seja, a maioria deles estão situados no nível pessimista. Esse é um sinal de muita insegurança das famílias e das dificuldades ocasionadas pela

aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros, que corrói o poder de compra, limitando o consumo e o crescimento econômico. Mesmo com níveis pessimistas na grande maioria dos Estados, a tendência de recuperação vista em Santa Catarina também ocorre nas demais unidades federativas, pois, vinte deles apresentaram crescimento diante de janeiro.

No comparativo anual, a retomada foi acelerada, com alta de 6,2% depois de avançar 2,5% no mês anterior. Em janeiro, o índice reverteu o movimento negativo que ocorria desde maio de 2020, ou seja, foram vinte meses sucessivas quedas. Essa segunda alta fortalece o sinal de recuperação das famílias. Esse resultado se deve às diferenças dos cenários epidemiológicos de 2021 e 2022 e a retomada das atividades econômicas.

O panorama mais favorável de fevereiro de 2022 é reforçado pelo crescimento da maioria dos indicadores que compõem o ICF. Porém, do lado negativo, o índice de consumo acelerou as perdas, ao cair expressivos 20,72%. O consumo das famílias torna-se o principal desafio para 2022 devido à alta dos preços e dos juros.

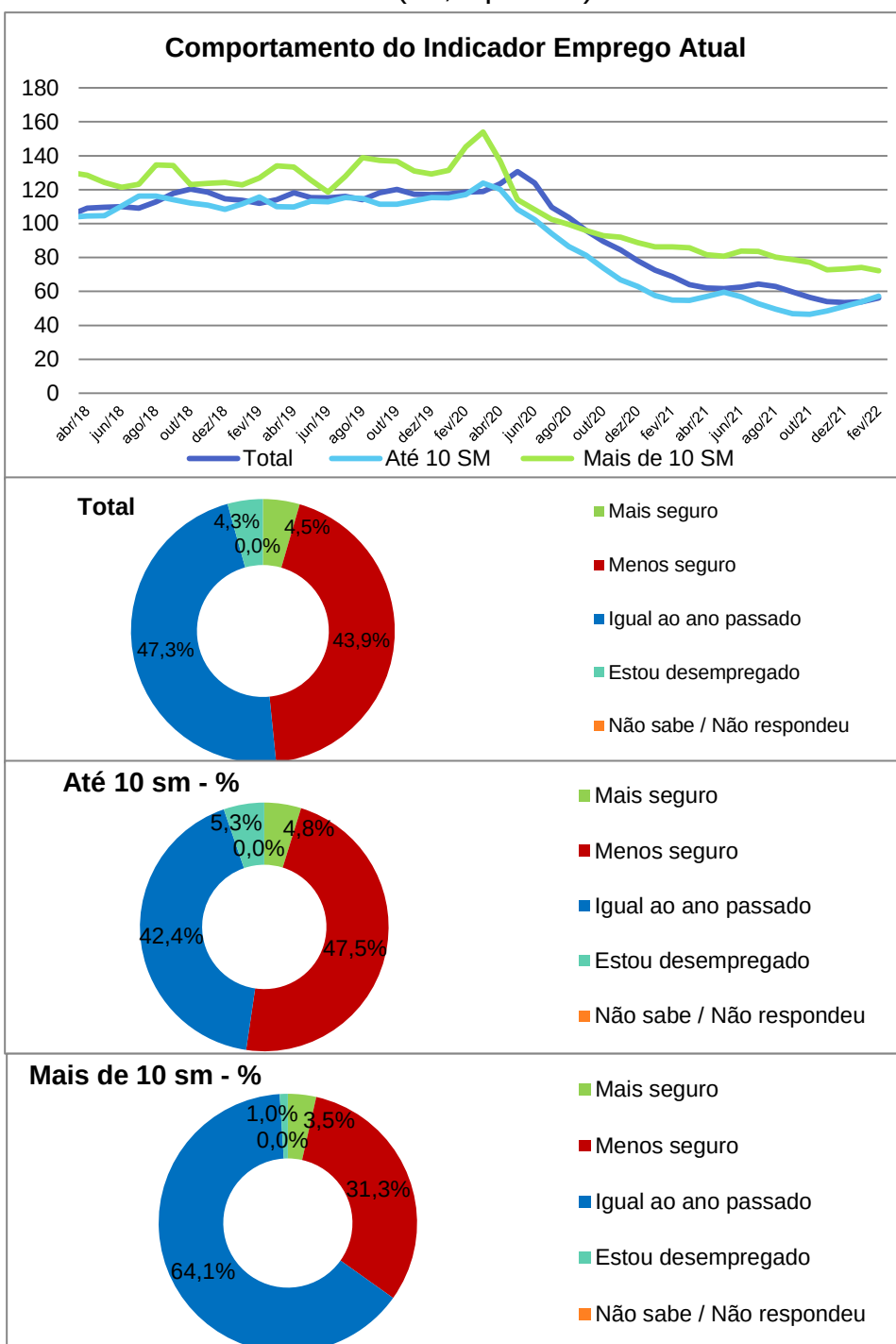


De outro lado, o movimento positivo na passagem do mês foi refletido, principalmente, nos indicadores de Acesso ao crédito (7,65%) e Renda Atual (4,63%), condições fortalecidas pela alta na geração formal de postos de trabalho no Estado e pelo equilíbrio orçamentário das famílias catarinenses, devido ao baixo nível de endividamento.

A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina. Também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** mantém movimento de retomada ao avançar 3,7% na passagem do mês, após atingir a mínima histórica em termos de pontos no mês de outubro de 2021 (53,4 pontos). Desde esse período, o índice apresenta taxa de crescimento mensal médio de 3,2%. Esse cenário mais positivo está em linha com o mercado formal de emprego no Estado, que avançou fortemente em 2021 e recuperou grande parte dos postos de trabalho, ao criar 167.854 novas vagas de emprego, o quinto melhor resultado em número absoluto dentre as unidades da federação. Esse resultado é visível na queda da taxa de desocupação em Santa Catarina, que apresentou trajetórias de redução por três trimestres seguidos e encerrou a 4,3% no 4º trimestre de 2021. Em 2022, a tendência permanece, pois foram criados 51,9 mil empregos, o 2º melhor em número absoluto dentre as unidades da federação. O volume expressivo na criação de postos de trabalho, comparado aos demais Estados, mostra a força da diversidade da economia catarinense.

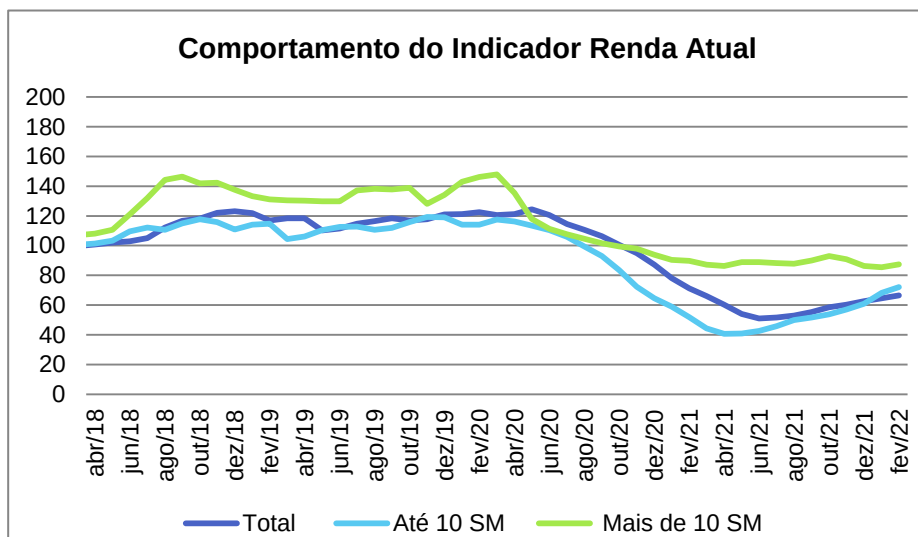


O resultado positivo foi insuficiente para modificar a condição dos consumidores que persiste pessimista, ao situar-se em 60,6 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Assim, o índice completa 20 períodos consecutivos em patamar negativo, o maior intervalo de insegurança e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego. Ao analisar o mesmo período do ano anterior, a tendência negativa persiste pelo 22º mês consecutivo, ao cair 2,2% diante de fevereiro de 2021 e está 50,9% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020). A insegurança das famílias é notada pela 43,9% dos entrevistados que indicam estarem menos seguros na permanência do Emprego Atual e apenas 4,5% se sentem mais seguros no emprego.

Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 57,2 pontos, aumento de 6,26% frente ao mês anterior. Já para a faixa acima de 10 SM o índice é de 72,2 pontos, queda de 2,72% diante de janeiro deste ano. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (64,1%) para a permanência no emprego atual, enquanto 47,5% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O **indicador da Renda Atual**, ao crescer 4,6% na passagem do mês, desacelerou a trajetória positiva que permanece por dez meses sucessivos. Esse é o maior intervalo de recuperação dentre os indicadores do ICF, por isso, o índice é o menos afetado pela crise entre os demais componentes do ICF, ao estar 37,8% menor que em fevereiro de 2020. Apesar dos resultados positivos dos últimos meses, o índice segue em patamar pessimista, ao situar-se em 75,5 pontos. Na variação anual, a renda atual, após reverter a trajetória de negativa que durava por vinte meses sucessivos no mês passado, acelerou o movimento de alta ao avançar 25,1% frente a fevereiro de 2021.

A criação dos postos de trabalho reforça a renda das famílias catarinenses, mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido



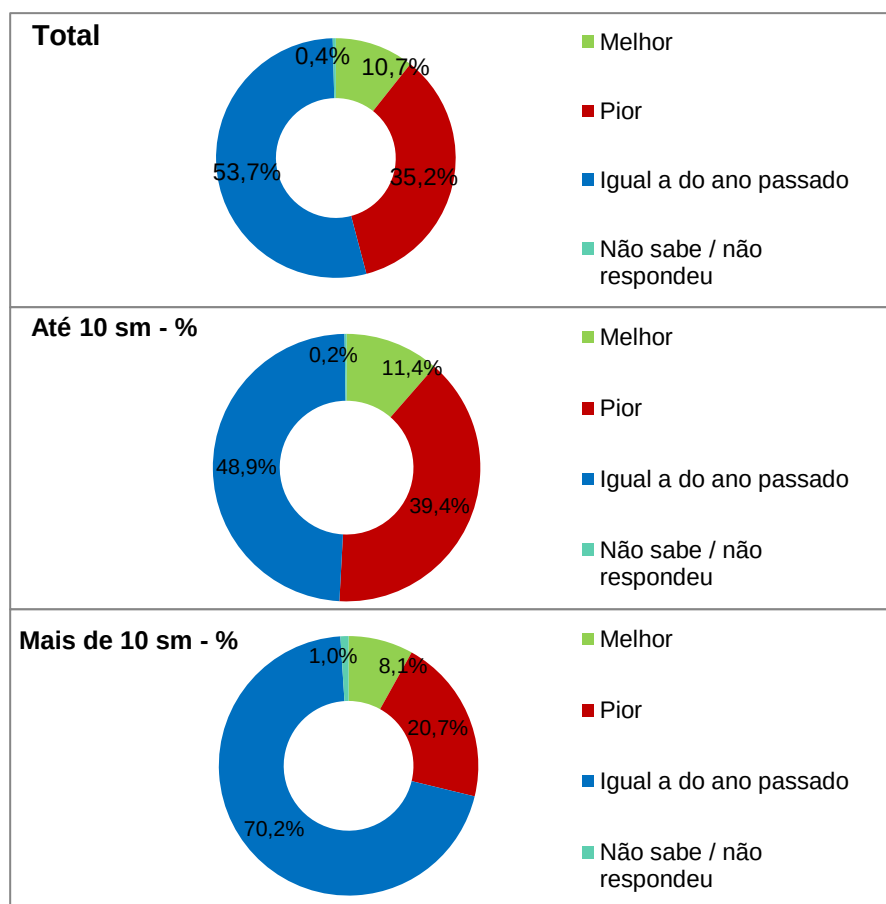
na ampliação do consumo atual, que sofre a maior deterioração dentre os indicadores.

Essa condição está associada às pressões inflacionárias, que encerrou fevereiro acelerando a alta dos preços, ao crescer 1,01%, depois de variar 0,54% no mês anterior. Esse foi o maior resultado na comparação com igual período dos anos anteriores desde 2015, quando o índice atingiu 1,22%. Além disso, segundo o índice de difusão, mensurado pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e que mostra o percentual de itens com aumento de preços, houve alta de 74,8% dos produtos em fevereiro, após alcançar 73,20% no

mês anterior. Esse resultado foi o maior nível desde o ano de 2016 na comparação com igual período dos anos anteriores. Ainda, na comparação com igual mês de 2020, período pré-pandemia, percebe que a pressão no momento atual é alta, pois naquele momento, o índice foi de 49,34%. Portanto, mesmo com a ampliação da renda, a inflação reduz o poder de compra e mitiga o processo de retomada econômica.

Apesar da evolução no indicador, nota-se que o caminho para reverter as perdas da pandemia ainda é longo. São 35,2% dos entrevistados indicando estar com renda pior que no ano anterior, resultado muito superior ao registrado em fevereiro de 2020, naquele momento cerca de 21,9% das famílias afirmaram ter renda pior. Cenário equivalente para as famílias com renda melhor, antes da pandemia esse grupo era predominante entre os entrevistados (43,3%), já em fevereiro de 2022 foi de apenas 10,7%.

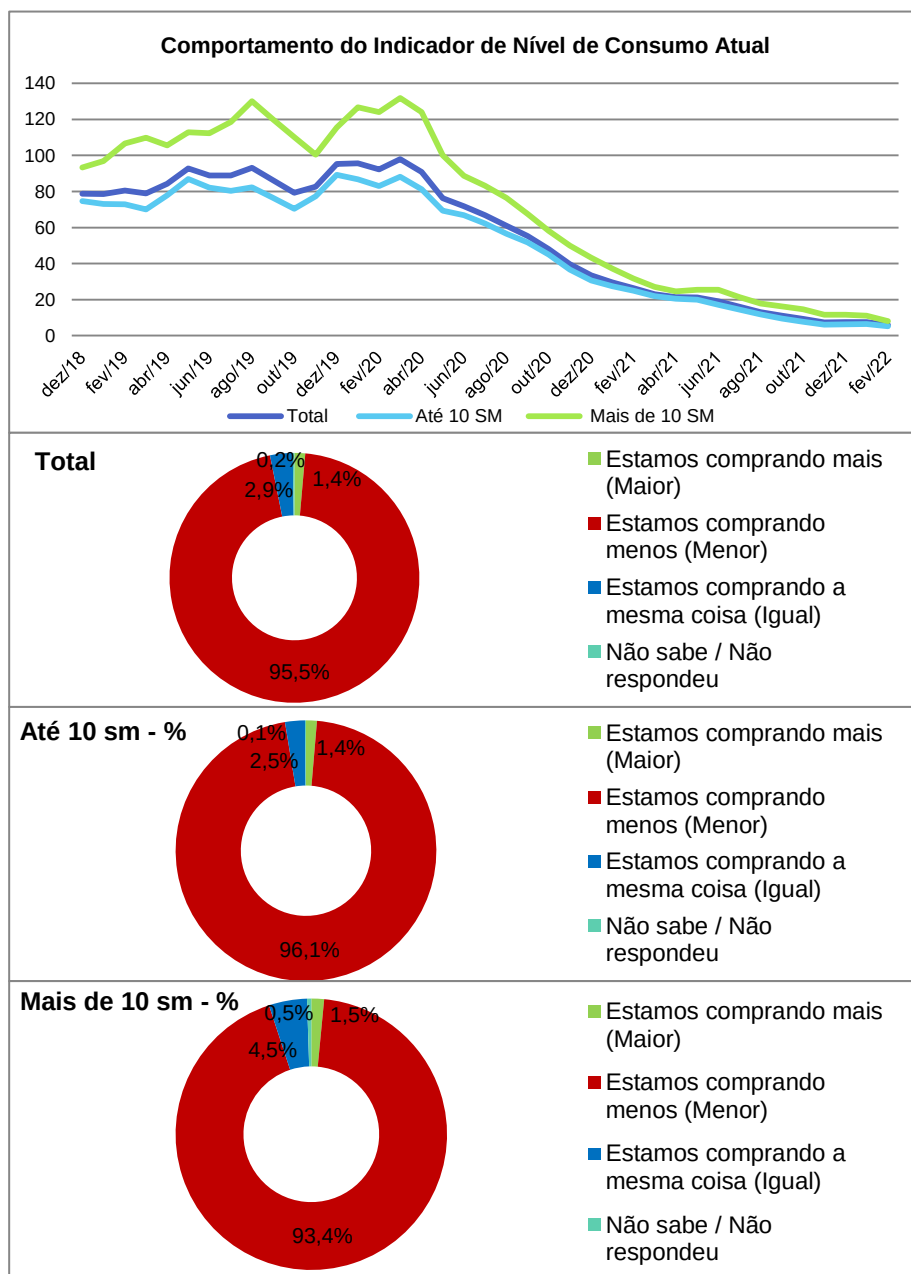
Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 20,7% das famílias com renda acima de 10 SM, que afirmam ter renda pior que no ano anterior, enquanto 39,4% das famílias com renda menor que 10 SM indicam essa condição.



CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** aprofunda as perdas ao reduzir 20,7% na passagem do mês, a segunda maior queda já apresentada no índice desde o início da série histórica e a maior na comparação com igual período dos anos anteriores. Com esse resultado, o cenário persiste em termos absolutos ao situar-se em 5,9 pontos, o menor da série.

Este é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de igual período de 77,62% e 93,6% diante de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). No ano passado, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa. Importante notar que o índice já estava em patamares negativos, mesmo antes da pandemia, e sofre efeitos desde a crise de 2015 e 2016, não recuperando a confiança otimista desde fevereiro de 2015. Mas esse ciclo da pandemia é marcado por mínimas históricas e não apresenta sinais de recuperação em curto prazo.

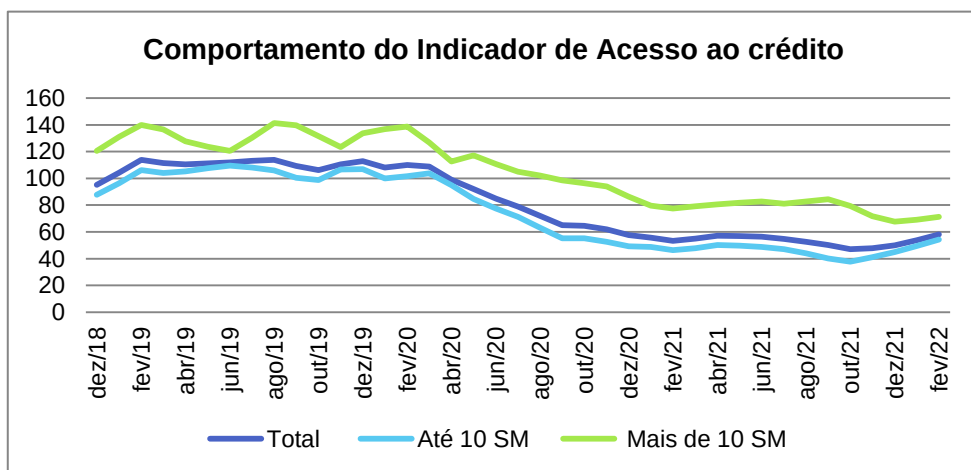


Nota-se que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também está em ciclo de mínimas históricas série neste mês em termos absolutos, alcançando 5,3 pontos na menor renda e 8,1 pontos na maior, menores níveis da série.

A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 95,5% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, alta de 1,1 p.p. diante do mês anterior e apenas 1,4% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação período pré-crise, onde 36,8% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 29,0% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos. São 93,4% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 96,1% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada. Essa situação já é verificada nas pesquisas do IBGE para o setor do comércio e serviços. Em janeiro deste ano, o volume de vendas estagnou no Estado (0,1%) e os serviços caíram 1,7% frente ao mês anterior.

O componente de **Acesso ao Crédito** cresceu 7,6% na passagem do mês. Esse é o quarto crescimento sucessivo, logo depois de atingir o menor o menor patamar da série histórica da pesquisa em outubro (47,1 pontos). Depois desse resultado, a trajetória foi cessada em novembro com o crescimento de 1,7% e acelerada em dezembro com alta de 4,5% e janeiro em 7,7%. No comparativo anual, o movimento negativo foi interrompido, depois de 24 meses de sucessivas quedas, ao avançar 8,8% frente a igual período do ano anterior. Embora o cenário seja de recuperação, o índice está a 47,3% do patamar pré-crise.

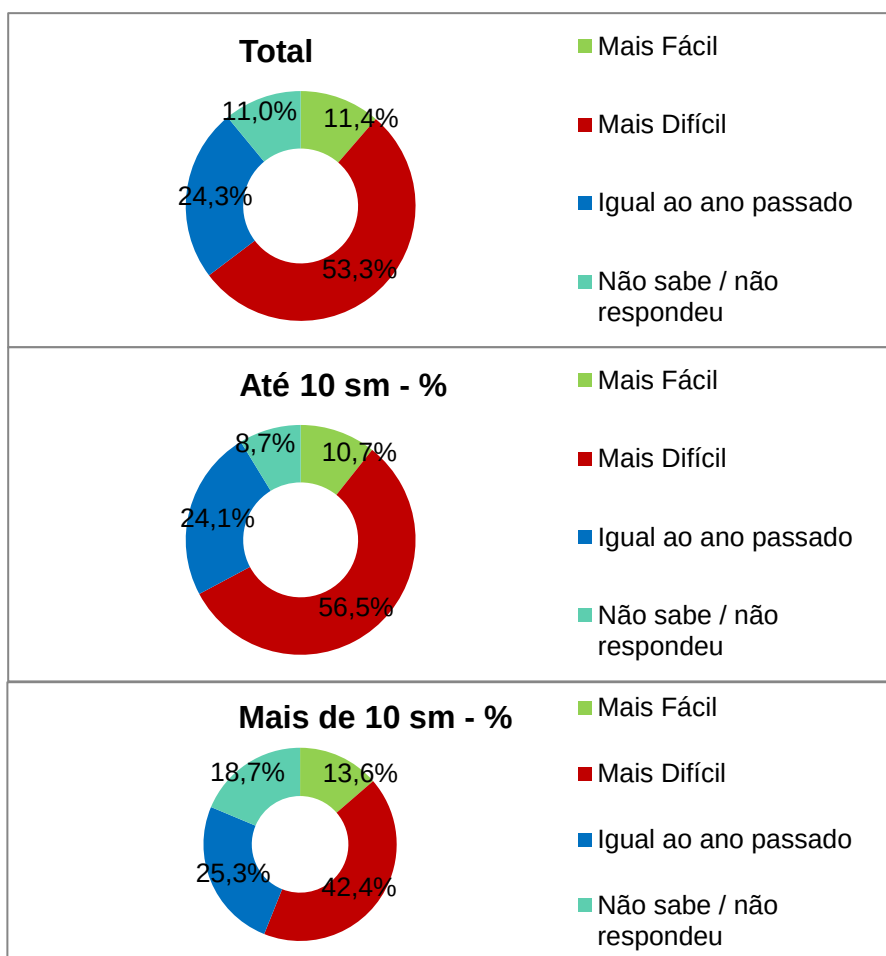


O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 11,75% ao ano, no intervalo de 1 ano. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir 13,00% em 2022. Ainda que a elevação das taxas de juros sugira maior restrição ao crédito, o avanço nesse indicador pode estar ligado à ampliação da liquidez no sistema financeiro para novos empréstimos e financiamentos, medida econômica realizada no início da pandemia, mas que ainda persiste. Além disso, as famílias catarinenses estão

apresentando equilíbrio orçamentário durante o ano de 2021, resultado demonstrado na pesquisa de endividamento e inadimplência realizada pela entidade. Esses fatores impulsionaram a probabilidade de acessar o crédito ou realizar compras de bens e serviços de forma parcelada.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve redução de 3,8 p.p na passagem do mês, alcançando em janeiro 53,3% dos entrevistados. Já a proporção de consumidores que acredita que a compra a prazo ou o acesso ao crédito está “Mais Fácil” se manteve estável, passando de 11,0% para 11,4% em fevereiro de 2021. Na comparação com o grupo de renda, a tendência de crescimento também é notada tanto para o grupo de maior renda (+3%), bem como para a menor renda (10%).

O **momento para duráveis** voltou a retrair em 5,9% na passagem do mês, depois de interromper a trajetória negativa que durava por cinco meses seguidos ao crescer 4,8% em janeiro deste ano. No comparativo anual, houve avanço de 17,6%, esse forte resultado deve-se à base de comparação muito baixa, já que em janeiro de 2021, o índice tinha atingido o quinto menor valor da série histórica (33,7 pontos).

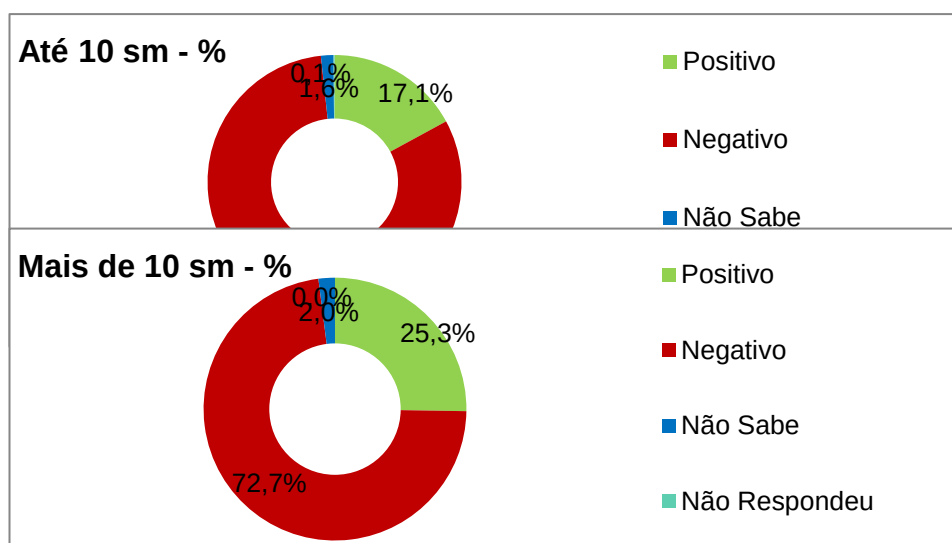
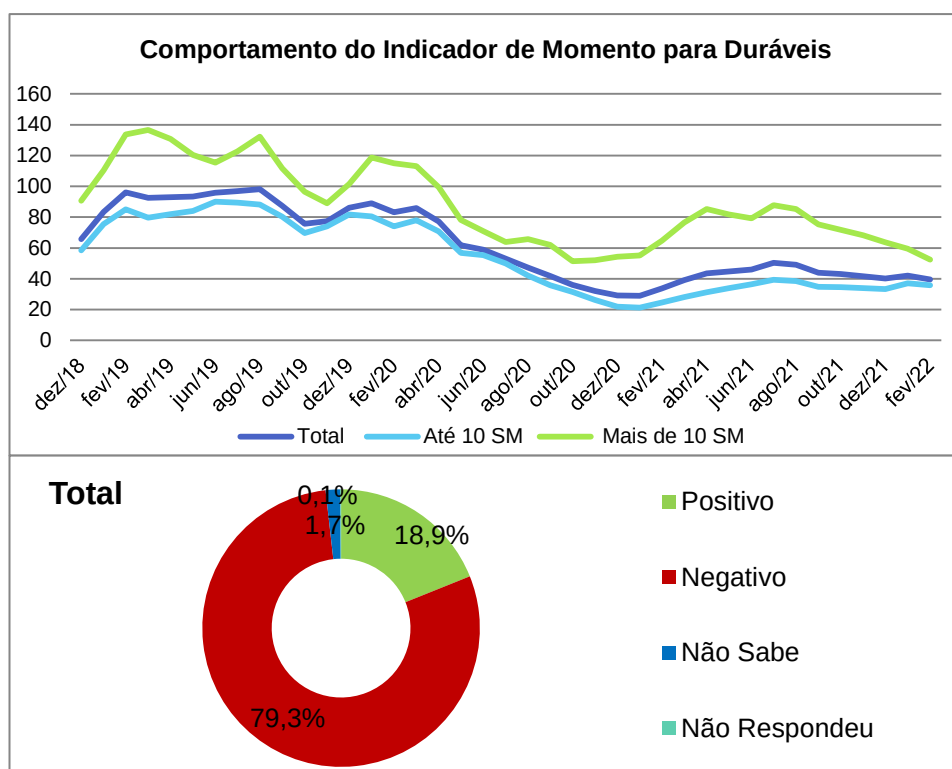


Fecomércio SC | Intenção de Consumo das Famílias - ICF

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 62 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador encerrou fevereiro a 39,6 pontos. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos e mesmo com as medidas físicas de redução do imposto industrializado para bens duráveis em até 25% não apresentou sinais de recuperação.

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 79,3%, maior que o mês anterior, que foi de 77,7%.

A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 18,9%, queda 0,9 p.p diante do mês anterior. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática e a elevação dos juros de mercado comparado ao ano anterior, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.



PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

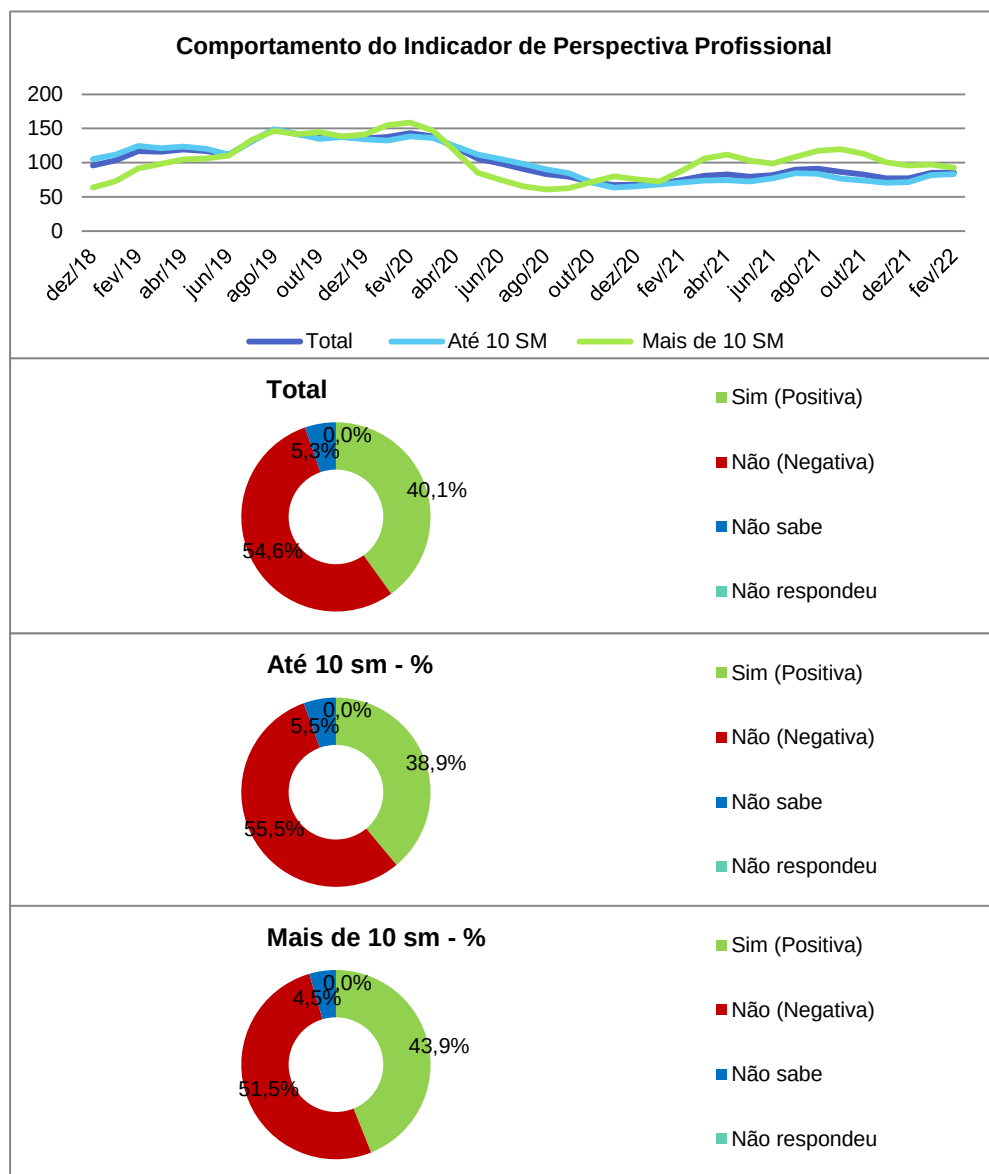
O indicador de **perspectiva profissional**, depois de crescer 10,63% em janeiro, ficou estável na passagem do mês, ao avançar 0,1%. Assim, o índice permanece passa a ser o segundo componente do ICF menos impactado em relação ao período pré-crise, com queda de 40,4%.

No comparativo com igual período do ano anterior, as famílias se mostram mais positivas com alta de 13,9%, trajetória positiva que se mantém por sete meses seguidos. Apesar dos resultados positivos, a perspectiva profissional está em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 85,4 pontos.

A maior parcela das famílias (54,6%) demonstrou uma perspectiva

profissional negativa em fevereiro de 2022, valor similar diante do mês anterior. São 40,1% que acreditam em perspectivas profissionais positivas no mês, alta de 1,0 p.p diante do período anterior.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Em fevereiro de 2022, essa condição já foi revertida e apesar do movimento oposto na passagem do mês, com queda de



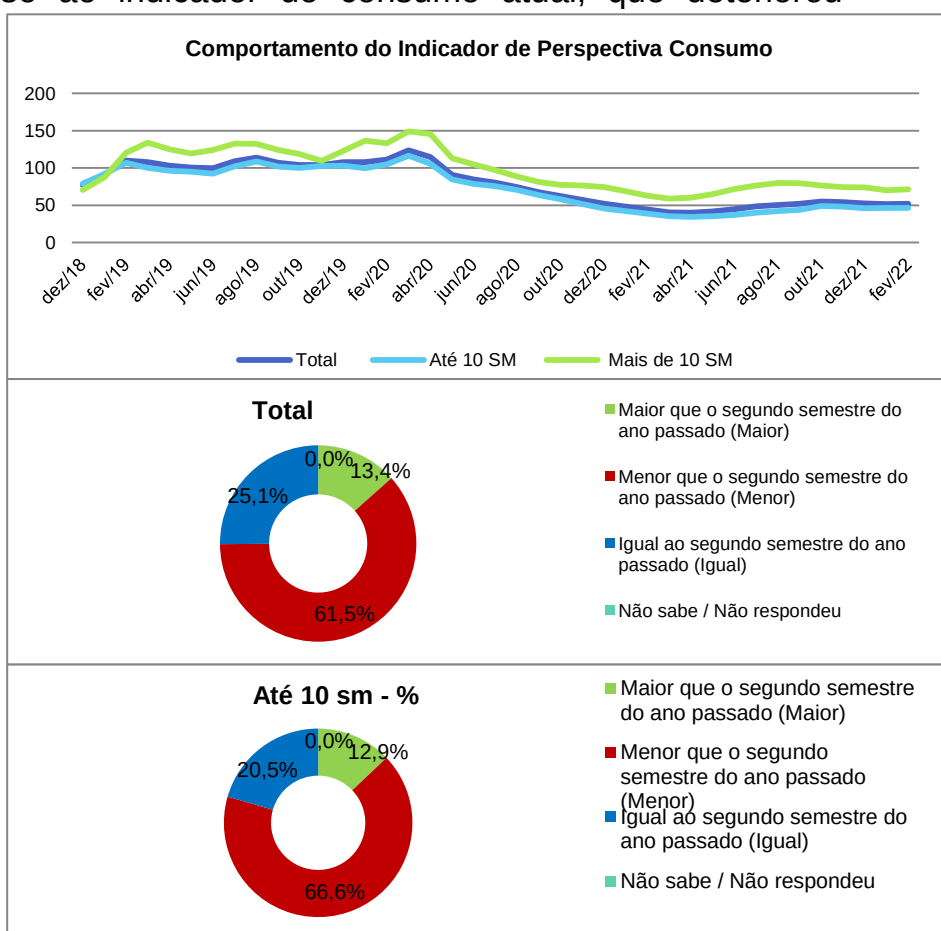
5,2%, o índice permanece superior a faixa de renda menor em níveis absolutos, ao situar-se em 92,4 pontos.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao situar-se em 83,4 pontos. Embora esteja em nível pessimista, há tendência de elevação que permaneceu durante os últimos três meses, com alta de 2,0% diante do mês anterior e após alta de 14,1% em janeiro. Nessa faixa de renda menor, 55,5% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 43,9% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo** encerrou a trajetória negativa que se mantinha por três meses seguidos, ao crescer 0,5% diante do mês anterior. Esse movimento é inverso ao indicador do consumo atual, que deteriorou fortemente no mês, por isso, a perspectiva futura volta a minimizar quedas maiores do ICF quando forem concretizadas. No comparativo anual, houve alta de 17,8% diante de igual período do ano anterior, terceira alta seguida.

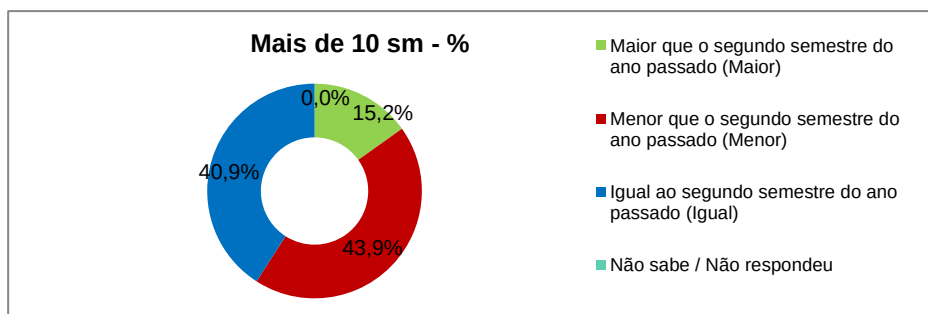
Embora o resultado seja positivo, as famílias permanecem com nível de confiança das famílias sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice em termos absolutos, ao situar-se em 51,9 pontos. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento

pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. Além disso, o índice está 53,3% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem.



Para 61,5% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, valor similar ao apresentado no mês anterior (61,8%). Com relação às faixas de

rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 66,6% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.



METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiampitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.